



**Universidade Federal do Amapá  
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação  
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia  
Disciplina: Filosofia da Educação I  
Educador: João Nascimento Borges Filho**

**Anatomia de um ostracismo nas ciências sociais: Ruy Mauro Marini**

***Artigo de Gilberto Vasconcelos, publicado na revista***

*"Caros Amigos", em fevereiro de 2001*

Pasmei de babar, comovido e enraivecido, quando li o artigo, até hoje inédito em português, de Ruy Mauro Marini – escrito em 1978 – sobre a dupla FHC e Serra, em cujo título no original havia esta maravilhosa pérola de ironia: “Por que me ufano de mi burguesia”.

Agora, finalmente, saiu pela editora Vozes, embora mal editado, *Dialética da Dependência*, livro coletânea de Ruy Mauro Marini (1932-1997) em que foi incluída a cacetada genial que ele deu na parceria tucana safada que enganou meio mundo na esquerda, sobretudo nos cursos universitários de filosofia e ciências sociais durante a década de 70.

Acorda, professorança destes Brasis universitários!

É preciso estudar com urgência o artigo de Ruy Mauro Marini sobre FHC e Serra escrito há mais de trinta anos, para inclusive aliviar o vexame que se abateu sobre as ciências sociais, o ponto midiático inicial que levou o tucanato impatriótico ao poder em 1994. Essa falcatrua acadêmica confundiu muita gente boa, até mesmo o venerando mestre Florestan Fernandes, o qual tinha condições de abrir o jogo: o sociólogo marxista melhor preparado (embora não fosse da USP) era Ruy Mauro Marini, e não a patota uspiana do mistificado Seminário do Marx em São Paulo.

Ninguém abriu o bico na USP, mesmo depois de publicado *The Princíps de la Moneda*, 1997, Espaço e Tempo. Confesso que escrevi esse livro sem ter lido o artigo de Ruy Mauro Marini; todavia, folgo em saber que não cometi nenhuma estupidez quanto à responsabilidade das ciências sociais no engodo FHC.



O artigo de Ruy Mauro Marini é resposta a um artigo (publicado numa revista de sociologia mexicana) de FHC e Serra pichando-o como um teórico da luta armada e “catastrofista”, para quem a estagnação capitalista impedia o desenvolvimento do capitalismo no Terceiro Mundo.

Além de deturpar e simplificar-lhe o pensamento, FHC e seus amiguinhos censuraram, na revista do CEBRAP, a publicação de seu artigo, de modo que o leitor brasileiro só leu o que FHC e Serra disseram sobre Ruy Mauro Marini, e não o inverso. E foi justamente essa derrubada estratégica de um intelectual de esquerda conhecido na América Latina e na Europa, engajado na emancipação popular e nacional, que favoreceu no ambiente acadêmico o percurso de FHC até chegar ao poder, tido inicialmente como alguém refratário à submissão do Brasil ao domínio imperialista.

Sem querer pesar a barra do exu Hegel, eu diria o seguinte: FHC só chegou à presidência da República porque censurou o artigo de Ruy Mauro Marini, o único intelectual das ciências sociais e econômicas que denunciou o príncipe da sociologia (Glauber Rocha o esculhambou como “kennediano” em 1974): FHC era um Sancho Pança do Pentágono, cacifado (junto com Serra) para eliminar do meio universitário a questão do socialismo na América Latina. Acusação gravíssima.

Segundo Ruy Mauro Marini, FHC e Serra são “anticomunistas”, “torpes”, “truculentos”, “rancorosos” e serviçais de instituições norte-americanas, que resolveram atacá-lo de maneira pérfida aos leitores das novas gerações. O pior é que surtiu efeito a malandragem de FHC e Serra. Os coleguinhos do CEBRAP acobertaram a tramóia e Ruy Mauro Marini, sabe lá o motivo, talvez porque fosse tímido e retraído, excesso de delicadeza – um dos primeiros intelectuais torturados em Brasília depois do golpe de 1964 –, não fez escândalo nem botou a boca no trombone, vivendo por essa época, década de 70, atacado de modéstia e humildade, no México. Por conseguinte, ninguém ficou sabendo nas universidades brasileiras do atentado autoral cometido contra o brilhante intelectual marxista nos labirintos do CEBRAP, o aparelho ideológico ponta-de-lança do imperialismo norte-americano.

O caráter ambivalente e perverso da personalidade de FHC é exposto por Ruy Mauro Marini, que foi “assimilado” em 1967 por ele e o picareta do Falleto. Ambos chuparam do artigo de Ruy Mauro Marini (publicado na *Mothly Review*



de 1965) os conceitos de “desenvolvimento autônomo” e “desenvolvimento associado” – só que FHC, Falleto e Serra descartaram a teoria marxista do imperialismo.

Foi a partir daí que FHC ganhou o epíteto, na maior mídia até hoje feita nas ciências sociais da América Latina, de sociólogo da “teoria da dependência”. Esta é a mutreta, hoje finalmente revelada: em 1965, no Chile, FHC dá uma plagiada em Ruy Mauro Marini e, nos finais da década de 70, senador suplente de Franco Montoro, coadjuvado pelo discípulo José Serra, censura-o na revista do CEBRAP, deformando seu pensamento de maneira vil.

Mas, afinal, por que o censurou? Por que foi ele o escolhido, dentre todos os autores de ciências sociais, o sociólogo marcado para ser culturalmente detonado?

Embora lido desde a década de 60 na América Latina, Ruy Mauro Marini não teve penetração no ambiente universitário brasileiro, de modo que era preciso reforçar esse cerco repressivo, pintando-o como um teórico fanático da revolução socialista na década de 70 (socialismo ou ditadura de direita), como se Ruy Mauro Marini postulasse a “estagnação” e a impossibilidade de existir desenvolvimento com superexploração do trabalho numa sociedade dependente.

Acontece que FHC e Serra, contratados como estrelas de Roliúdi, não entendiam nada de marxismo. Usaram de maneira errada os conceitos de mais-valia, tanto a absoluta como a relativa. Marxismo para inglês ver. Falavam em “luta de classes”, mas eram anticomunistas, nem tampouco estavam interessados em iluminar os caminhos e impasses da esquerda no Brasil e na América Latina.

Dane-se o povo vagabundo. Dane-se a nação botocuda.

O bacharel Ulysses Guimarães, durante a “abertura democrática” de 1974, alardeava que FHC e Celso Furtado eram os verdadeiros “gênios” das ciências sociais. Desse engodo publicitário participava a futura plêiade intelectual do PT, deglutindo gato por lebre.

O detalhe é que Ruy Mauro Marini, aluno inteligente de Guerreiro Ramos, se ligou ao trabalhismo de Darcy Ribeiro desde o início da década de 60. Em 1961, aos 29 anos, era um brilhante intelectual marxista conhecido na Europa, França e Bahia. Crítico do “cretinismo parlamentar” do PCB. Ele dizia que era



impossível entre nós a existência de um capitalismo autônomo, por causa da economia dependente, cuja base é a superexploração do trabalho como condição necessária do capitalismo mundial.

A tese de Ruy Mauro Marini foi combatida a ferro e fogo por FHC e Serra, os “escudeiros de uma burguesia insaciável”, fazendo-a “sócia menor” dos capitais estrangeiros, assim era possível - propugnavam FHC e Serra - existir desenvolvimento ou aumento de produtividade numa economia subalterna aos interesses imperialistas. Este era o óbvio ululante, mas que virou a grande descoberta sociológica do século. Daí se entende a lógica da censura a Ruy Mauro Marini, um autor que permaneceu no ostracismo.

A ideia da “estagnação” econômica sob a ditadura, defendida por Celso Furtado, foi sacanamente atribuída a Ruy Mauro Marini, que, no entanto afirmava outra coisa. É evidente que há desenvolvimento numa economia dependente, porém esse desenvolvimento apresentará necessariamente uma fisionomia social monstruosa: “consumo suntuário” para poucos e pobres e miseráveis espalhados por todos os lados.

Os sabidões FHC e Serra se apegavam à estatística: houve depois de 1964 aumento de consumo de eletrodomésticos... Era o prelúdio do sinistro Plano Real. Aliás, o governo de FHC levou às últimas consequências a tese de Ruy Mauro Marini sobre a “superexploração do trabalho”, cuja correspondência política se encontra no conceito brizolista das “perdas internacionais”.

A superexploração do trabalho continua sendo o fundamento da dependência econômica latino-americana. FHC e Serra, apologistas dos grandes capitais, queriam apagar as diferenças entre o capitalismo nos países avançados e o capitalismo dependente. Portanto, eram cúmplices do divórcio escandaloso entre o aparato produtivo e o consumo das massas. Decorrendo daí a retórica afrescalhada em cima da “democracia viável” e do “capitalismo governável”.

O exílio de verdade no Chile (de mentirinha foi o de FHC) não converteu Ruy Mauro Marini em beato abobalhado da Cepal, aparelho ideológico que abriu pela segunda vez os portos às nações tecnologicamente hegemônicas.

Embora marxista, leitor arguto e descolonizado de O Capital de Karl Marx, Ruy Mauro Marini não jogou o nacionalismo de Getúlio Vargas e João Goulart no lixo da história. Provavelmente ainda teremos uma aliança surpreendente



das Forças Armadas com os proletários ferrados. É o que dizia, no final da vida, Ruy Mauro Marini a Nildo Ouriques, segundo este me informou de Florianópolis.

Neste mar de lama das ciências sociais, quem se aproximou de Ruy Mauro Marini (FHC e Serra acusavam-no de terrorista responsável por derramar o sangue da juventude latino-americana) levou a pior em termos de mídia, publicação e prestígio acadêmico, a exemplo de Gunder Frank, Vânia Bambirra e Theotônio dos Santos; os que se alinharam à perspectiva de FHC e Serra tornaram-se áulicos no poder ou senão simpáticos ao PT, como Paul Singer, Maria da Conceição Tavares, Francisco de Oliveira e, recentemente, Guido Mantega.

Enquanto FHC e Serra estão aí a mil, injuriando cada vez mais o povo e o país, Ruy Mauro Marini está morto e desconhecido pela juventude.

Seu nome, no entanto, ficará na posteridade por ter revelado a impostura intelectual de FHC e Serra, antevendo a prática política vassala dos tucanos ao Ymperialyzmuz.

Um dia, profetizara Ruy Mauro Marini, FHC e Serra iriam perder completamente a vergonha. Dito e feito.



*Prof. Borges*

